

**VOLTA REDONDA, RJ, 22 DE DEZEMBRO DE 1999**

*Senhor Governador do Rio de Janeiro, meu caro amigo Anthony Garotinho; Senhores Ministros aqui presentes: Ministro Sarney, do Meio Ambiente; Ministro Dornelles, do Trabalho; Ministro Tourinho, de Minas e Energia; Doutor Benjamin Steinbruch, que é o nosso Presidente da Companhia; a Presidente Executiva, Maria Sílvia; eu não sei exatamente os títulos do Conselho; Senhores Parlamentares, tão numerosos, aqui presentes; Senhor Prefeito de Volta Redonda e todos os demais Prefeitos aqui presentes; Senhor Prefeito do Rio de Janeiro, Luiz Paulo Conde; Representantes das grandes instituições do Estado; Senhores Empresários, Funcionários; Senhoras e Senhores,*

Esta é, eu creio, a terceira vez que venho à Companhia Siderúrgica Nacional nesses últimos anos. Passei um primeiro de maio aqui. Não é fácil, ou não era fácil. Visitei um alto-forno aqui, acompanhei de perto o desenvolvimento mais recente desta empresa. E agora mais uma vez aqui, assistindo a uma etapa nova da CSN. Isso, para nós todos, tem um valor muito grande, valor simbólico.

Eu concordo com o que disse o Dr. Benjamin, menos numa coisa. Ele exagerou. Disse que ele e a Maria Silvia têm perfil siderúrgico. Ele, pode ser; ela, não. Dirige a siderurgia, mas o perfil é maravilhoso, não é siderúrgico.

Eu acredito que Benjamin mostrou o que é necessário para levar adiante o empreendimento, e disse com clareza o que ele espera do empreendimento. Eu também quero dizer com clareza, como Presidente da República, o que esperamos da Siderúrgica Nacional.

Primeiro, que ela continue neste caminho de incorporar progresso técnico, de fazer com que as demais indústrias do Brasil trabalhem para que ela possa avançar, para que possa, realmente, competir. Que ela possa competir em nível mundial, cada vez com maior capacidade técnica, com maior capacidade comercial, com maior estratégia, como ele aqui demonstrou, no mundo que é global e que nós precisamos ter os nossos *players* brasileiros nesse mundo global.

Enfim, que ela progrida com uma base técnica forte. Que ela continue desenvolvendo um trabalho firme com aqueles que a constroem. Constrói o engenheiro, constrói o trabalhador, constrói o funcionário, o médico, o administrador, o homem, a mulher, aqueles todos que aqui vivem, que daqui vivem e que precisam continuar tendo uma participação efetiva na construção da empresa, no desenvolvimento dessa empresa.

Uma empresa moderna não é mais alguma coisa que pertence a uma pessoa, a uma família, a um grupo. É muito mais ampla do que isso, é uma comunidade que tem responsabilidades mais amplas do que isso. E os que dirigem essa comunidade também têm responsabilidades internas para com essa comunidade.

Desejo, também, que a companhia continue no caminho que está trilhando, ou seja, que ela, que nasceu como o que se chama, normalmente, em inglês, *company town*, quer dizer, a cidade ligada à companhia, a companhia ligada à cidade, que ela continue assim, no bom sentido; que a cidade se beneficie da companhia.

E vejo pela presença do Prefeito e pelas informações que tenho, que estamos vivendo um momento em que Volta Redonda volta a ter, na Companhia Siderúrgica Nacional, um apoio para seu desenvolvimento

urbano, um apoio para combater a pobreza, a miséria, para dar emprego, para dar educação, para que a cidade, realmente, se beneficie, também, dos êxitos desta companhia. É muito importante que isso ocorra desta maneira, como eu vejo que está ocorrendo.

Hoje, as empresas não podem mais ser consideradas entes privados, sejam elas públicas ou privadas, ou melhor, estatais ou de capitais particulares. Nos dois casos, elas têm que ser, crescentemente, públicas, no sentido de que rendem contas ao público, respondem a esse público, ao público interno, ao público da cidade e contribuem com o público mais amplo do país. Que, portanto, Volta Redonda continue a ser um esteio de um estado tão progressista como é o Rio de Janeiro.

Quero dizer que confio nisso. Confio que, sob a direção dos que aqui hoje traçam os rumos da CSN, nós possamos avançar mais e mais na direção de transformá-la, realmente, ainda mais, num orgulho do Brasil.

O fato de ela ter sido privatizada em 1993 não a separa da história de uma nação, da história de um país que, para se construir, primeiro acumulou, através dos cofres públicos, através do imposto, e depois criou empresas. E hoje, quando o Estado não tem os recursos suficientes para a expansão das suas empresas, apela ao capital privado para que o capital possa levar adiante esse processo. Mas o Estado não pode, não vai e não abdicará do seu dever de estar, de toda maneira, analisando o que acontece em certos setores, regulamentando o que pode ser feito, incentivando o modo pelo qual as companhias vão se inserindo no contexto nacional.

O Governador Garotinho disse – e eu agradeço – que tenho o coração carioca. Tenho mais que o coração: eu nasci aqui. De modo que me sinto, realmente, feliz, embora minha vida seja paulista, minha vida política e intelectual. Sinto-me feliz em ver que o Rio de Janeiro é um estado que voltou a ter crença em si. Quando fui candidato, em 94, à Presidência da República, numa das visitas que fiz ao Rio, eu disse que o Rio era o farol do Brasil. Quando o Rio estava com o farol baixo, o Brasil todo se entristecia. Pois bem, vejo com alegria que o Rio volta a ter os seus faróis iluminando os caminhos do Brasil. E isso está sendo feito pelo esforço dos que moram no Rio, dos que trabalham no Rio, dos cariocas, dos flumi-

nenses e de todos os que vivem aqui no Rio de Janeiro. Mas, também, foi feito porque houve uma deliberação de governo.

Eu olho aqui para o Rafael de Almeida Magalhães, que foi um dos que me estimularam a que organizasse, logo no início do meu primeiro mandato, um comitê para cuidar dos grandes investimentos que o Governo Federal deveria não fazer porque não tem dinheiro, mas apoiar no Rio de Janeiro. E nós apoiamos. O Porto de Sepetiba é uma realidade. Uma realidade que vai se ampliar, mas já é uma realidade. O Pólo Automobilístico já é uma realidade no Rio de Janeiro. O Pólo de Gás Químico será uma realidade que nós começamos a desenhar lá atrás e vai ser constituído no Rio de Janeiro. As usinas de energia elétrica estão aí. E o petróleo, e o petróleo, realmente, quando dizem que é ouro negro, pois bem, o Rio de Janeiro está sentindo a força desse ouro, no momento em que mais e mais investimentos se voltam para o Rio de Janeiro e que mais e mais empresas se instalam no Rio de Janeiro em função do petróleo, e, mais ainda, na medida em que essas atividades, especificamente no caso do petróleo, suscitam e requerem desenvolvimento científico e tecnológico, e hoje é um grande programa o desenvolvimento científico e tecnológico com os recursos da Petrobras e com recursos das explorações das demais empresas de petróleo, graças ao modo como nós fizemos essa lei e graças à ação da Agência Nacional de Petróleo.

Há, portanto, no Rio de Janeiro todas as condições para que ele possa avançar. E a Companhia Siderúrgica Nacional faz parte dessa vanguarda de grandes empreendimentos que estão de novo fazendo do Rio de Janeiro um pólo de crescimento e um pólo de atenção nacional.

Quero lhes dizer, sem cansá-los muito, quero lhes dizer que tudo isso é muito importante. Mas importante mesmo é que o povo viva bem e feliz. E o povo para viver bem e feliz precisa disso: tranqüilidade, segurança, paz, crença, emprego, renda, educação, saúde. Todos esses indicadores estão melhorando e estão melhorando mais no Rio de Janeiro. Este ano foi um ano muito difícil no Brasil. As crises internacionais nos afetaram profundamente, quase perdemos a capacidade de manter a chama, mas não a perdemos. E se nos primeiros quatro meses deste ano pudemos gerar apenas 14 mil empregos, nos primeiros sete nós já gera-

mos mais de 500 mil empregos formais. Os dados são da recente publicação do IBGE. E todos os índices apontam um crescimento de novo da capacidade, até mesmo do setor mais resistente a isso, por causa das transformações tecnológicas, que é o industrial, de oferecer empregos.

Estamos, portanto, combatendo como se pode e como se deve o desemprego. Não com retórica, mas com investimento, com ação coordenada, com educação e com o avanço da sociedade. E todos os indicadores, todos, da educação, sem exceção, em qualquer nível, escola primária, secundária, escola técnica, escola superior, todos mostram que nós temos avançado enormemente. E o futuro do Brasil e o futuro do Rio dependem desse avanço. Dependem de mais educação, de mais ciência e tecnologia, sem o que não se avançará.

Mesmo nos aspectos mais preocupantes, que dizem respeito à renda, os últimos dados do PNAD mostram que tivemos um aumento da renda média familiar nos anos do Plano Real de 27%, e que o ano de 98 – não dispomos ainda dos dados de 99 – foi o ano da maior renda domiciliar *per capita* da história do Brasil. E que também neste ano se pode verificar que aqueles que saíram da linha de pobreza correspondem a 20% a mais do que havia em 94, ou seja, um avanço grande, que foi consistente, de 10 milhões de pessoas, mais ou menos. E que embora no ano de 99, pelas dificuldades, mesmo que nós não tenhamos conseguido avançar mais na diminuição da linha de pobreza, repito o que li no estudo do IBGE, pelo menos não houve retrocesso nessa luta contra a pobreza.

Esses, portanto, são os votos que faço para a Companhia Siderúrgica Nacional de que ela, adotando as palavras do Doutor Benjamin Steinbruch, ela siga nesse caminho, que é o caminho da crença no Brasil, é o caminho na crença e na convicção em cada um de nós. Quanto mais nós pudermos gerar, como estamos gerando, energia elétrica – e o Governador se esqueceu, na lista que deu do Rio de Janeiro, de Angra II... Falou? Então é meu ouvido que está ruim hoje, pelo helicóptero e pela idade – quanto mais nós continuarmos nesse ímpeto de gerar mais energia, de criar mais indústrias, de dar mais capacitação técnica, tanto mais não temos dúvida nenhuma de que os nossos objetivos, isto é, de fazer com que o farol do Rio de Janeiro ilumine o Brasil, vão ser uma

realidade. E quem sabe já agora, na comemoração, na entrada do novo milênio, não será o novo século – porque só em 2001 – mas novo milênio se pode dizer que sim, nessa entrada desse novo milênio, que a iluminação que vai haver nas praias do Rio de Janeiro seja um reflexo dessa vontade formidável que tem esse povo do Rio de Janeiro de avançar pelo Brasil.

Muito obrigado e parabéns a todos vocês.